

A ORTIGA

Crítica e Humorismo : Artes e Literatura : Desporto : Etc.

1.º Ano N.º 4
Guimarães, 25 de Dezembro de 1925

Director e Editor :
Salvador Dantas.
Colaborador artístico : Domingos Dantas.

: Publicação quinzenal :
Comp. e imp. na Tipografia Minerva Vimaranesse.

O meu Natal

Noite da Ceia

Natal! Vibram sonoros em céu álgido de Dezembro os sinos do campanário da minha aldeia — do campanário que há vinte e cinco anos saíu do nascimento humilde de um humilde Ser, que ao mundo viera, não «para resgatar a mísera humanidade», mas para sofrer, dela e com ela, as dôres e os açoites da insânia bruta...

Natal! Diz a lenda — velha lenda de nosos avós — que aos bebês sorri, nesta noite, o Papá-Natal, distribuindo-lhes com sua mão invisível dentro dos sapatos minúsculos — que os papá-zinhos colocam sobrepticamente nas trapeiras — inocentes brinquedos graciosos...

Ora, foi talvez porque na infância eu não tivera sapatinhos que o Papá-Natal a mim não sorrisse, com seu sorriso de superstição e de lenda... E é assim também que o Natal é para mim — foi e será — o momento supremo que assinala aos homens, na distância do Tempo, o facto consumado de que na Terra a perfídia vive eternamente a nosso lado, sorrindo quantas vezes na simulação tórpe de um convencional fraternizar... Noite da Ceia... *trinta dinheiros* — sangue de um justo, Filho Humilde de Galiléa — verdêteando-se no remorso da vil contracção metalizada...

Natal! Balsamina o ar o inebriante perfume das tristes violetas dos valados que ourelam os prados e os estreitos caminhos da aldeia, através os quais vejo perpassar em recordação e em realidade presente o meu Natal: Natal-infância, na insciência alegre

a tudo sorrindo; Natal-adolescência, sentindo a neve cair, a neve que enregela os corações e põe tudo da côr do linho, do linho alvinente desta toalha que se estende sobre a mesa pequena — pequena de mais para que dela se abeirassem todos aqueles a quem nesta noite não sorri o Papá-Natal distribuindo em vez dos graciosos brinquedos da lenda a ceia reconfortante, a ceia tradicional — no Lar querido em banquete humilde, no Lar ora em reza murmurada por todos os que se perderam, para sempre se perderam, na noite brumosa do Além...

Natal! Vibram sonoros em céu álgido de Dezembro os sinos do campanário da minha aldeia... Mãos impulsivas que no bronze desferis, eu vos bendigo!...

Noite-em-meio
de 24 — XII — 1925.

ALBERTO DE MACEDO.

Bôas Festas!

A todos os leitores, assinantes, colaboradores, anunciantes, amigos e amiguinhas, inimigos e inimigas, a todos enfim a quem a «Ortiga» ainda não picou, prometendo fazê-lo na primeira oportunidade, deseja o corpo redactorial cá da gazeta que passem as Festas muito contentinhos, com o pouco ou muito que Deus lhes der e a dieta permitir, agora no Natal, no Ano Novo, em os Reis — e para todo o sempre. Amém!...

Arvore de Natal

A nossa Consoada

Tendo um colaborador de «A Ortiga» resolvido fazer uma Arvore de Natal à sua feição, pensou em requisitar alguns objectos, que se destinam a vários fins, e depois serão distribuídos em consoadas por várias criaturas do seu conhecimento e amizade, ou colocados por vários sapatinhos de *afilhados nossos*. E assim, conseguiu arranjar:

A carroça do lixo, para guardar a vaidade de certos papos-sêcos cá da parvónia;

Um eléctrico, puxado a brôa, para as sopeiras irem passear, aos domingos, pela aldeia, com os seus *fajones*;

As pilecas lazarentas do Gaspar das Taipas, para guindarem o elevador para a Penha;

Uma bicicleta sem rodas, sem assento, e... sem coisa nenhuma, para o Cunha fazer a travessia aérea do mar da Pisca;

Três *fordecs* com dor de barriga, para nos levarem a dar um passeio até... ao fundo de alguma valeta;

Uma gamela, uma pia, uma rasa de farelo e dois baldes de lavadura, para quem se achar afrontadinho com a larica;

A pianola excêntrica do Chantecler, para ajudar um grupo de famintos a mendigar pelas ruas da cidade;

Um cento de ferraduras, para o se Guimarães (do cotão) nunca andar descalço;

As escadinhas da rua de Santo António, para o amigo Lobo trepar para o seu presépio;

E as escadas ambulantes do amigo Lobo, para o Vasquinho fazer uma cascata, no S. João;

As escadinhas do largo Prior do Crato, para os tachados subirem aos trambulhões;

Um frasco de Sanitol, para uma lâmpada da avenida nova tomar às colheres;

O velho canhão do quartel, para irmos aos tordos para o Monte da Cola;

O galo da tórre de S. Francisco,

para fazer um ovo para quem andar mal do estômago;

O cão da torre de S. Domingos, para fazer um chouriço para o se Guimarães, que dá o queixinho por eles;

O galo da taboleta do Gil Vicente, para cantar à meia-noite no ponto mais elevado da igreja de S. Pedro;

As cloacas da praça do mercado, para nelas se inslalar um laboratório de aformoseamento masculino;

Um quartilho de luz eléctrica, para dar vida a dois lampiões da rua de Santo António, a quem costuma dar o fanico, ficando *desacordados* por largo espaço de tempo;

Uma abada de landras, para quem andar com o apetite estragado;

Um óculo muito grande, para se ver subir e descer o elevador para a Penha;

Outro óculo, mais pequeno, para se ver o parque à volta do Castelo;

Os gatunos do Angola e Metrópole, para colocar, encaixilhados, nas portas das retretes públicas;

Um calhau das obras da estrada de Fafe, para avaliar a diferença que há entre elle e o se Guimarães (do cotão);

Um chá de arestas, para quem se achar afrontado com algum dos objectos que adornam esta Arvore de Natal.

Receituário de beleza... à borliu

Tendo chegado até nós os inocentes queixumes de certas *papa-sêcas* (no dizer do «Malhão») que na sua estulticia e pobreza de meios se lamentam noite e dia, vendo-se ao espelho, não poderem como as outras camaradinhas «chics» usar dos produtos de beleza que a química combina e a Perfumaria da Moda propaga a altos preços, a «Ortiga» compadecida inicia hoje o seu «Seringador-de-Beleza» — onde de futuro encontrarão as lamentosas *pequenas* (e os *pequenos*, que também os há): a par de uma grande economia na aquisição dos produtos, que são naturais e fáceis de encontrar cheirando ou tomando-lhe o sabôr (esta dupla faculdade exige o estar-se na graça dos *cinco sentidos*: *vêr* — o que nos convém; *ouvir* — toma!; *cheirar* — hun!; *sentir* — ui!; *palpar* — que bom...), a «seringação» do segredo para amanhar boas *caras-metades*...

Principiemos por os lábios (duas côchas rosadas a encobrir duas feiras de «ratinhos» de marfim): em vez do *carmim-rouge* que tanto prejudica, estragando a pele, recomendamos a aplicação em leve dose de *colorau-dôce* diluído em azeite ou óleo de amendoim, que é a mesma coisa. Este preparado simples e inofensivo tem a vantagem de poder conservar-se mesmo durante as refeições. Quando tenham de ir *ao baile*, e para evitar o *inocente* abuso de beijocas, deve aplicar-se em dose máxima e em vez do *colorau-dôce* a *zêbra*, que serve para apartar... crianças.

Agora as «olheiras românticas» e as «macãsinhas» do rosto: sendo o bronzeado a côr da moda, recomendamos a aplicação de *arruda* diluída simplesmente com as pontas dos dedos sobre a pele. Esta erva, sendo bastante oleosa é muito *perfumada*, dando, depois de bem operada, a encantadora ilusão de se descender em linha curva daquela raça que se chama amarela, mas que *obra* bem...

E, até... ao dobrar da esquina. Por o preço... não há que agradecer.

DOUTOR AGRÊLO.

Comentários

O comentário hoje não se julga em disposição de comentar coisa alguma. E não por escassez de motivos, não. Estava-o pedindo e tentando aquela arremetida do Sr. Conselheiro António Cabral na sessão da Câmara dos Deputados em que foi eleito o novo Presidente da mesma Câmara, ao declarar, no seu lugar de deputado e como deputado que se propusera ao sufrágio e vingara a sua candidatura, que não viera ali para dirigir saudações mas apenas para combater pelo seu ideal monárquico. Sua Ex.^a, que goza de merecida fama nos arraiais monárquicos e a quem respeitamos com o respeito que sempre merece quem se bate de frente erguida por uma causa, a que aliás se tem mantido nobremente fiel; Sua Ex.^a, antigo parlamentar, antigo ministro, e que se dedica também à arte de escrever, homem assim representativo e distinto, como se exhibe, para que confusões não haja, na última página dos seus volumes, em que manda estampar sua vera effigie de grandes bigodes arrogantes e vistosa farda pingente de condecorações; Sua Ex.^a, falando em nome da minoria monárquica, e como bom e puro monárquico, que se apontam e inculcam como possuindo o exclusivo da polidez social, da austeridade política, da educação intelectual — Sua Ex.^a foi imensamente desastrado. Fingiu confundir saudações com devidos cumprimentos e marcou assim com uma propositada incorrecção, muito deselegante e falha de espírito, um desbragamento de intolerância. Lógicamente, o Sr. Conselheiro António, impossibilitado de começar os seus discursos parlamentares com o tradicional e regimental — Sr. Presidente —, havendo marcado o seu dissídio com a assembleia, em que viera tomar parte, devia, depois de ter substituído a cortezia por uma figa, ter tirado o casaco e o colete, despido a camisa e, já em camisola, enfiar uma luva de quatro onças, desafiando os seus colegas para um combate de box no hemicycle de S. Bento.

Não menos o estava pedindo e tentando um telegrama do Porto espalhando alvoroçadamente aos quatro ventos, com vermelho gaudio, que, na eleição dos jurados para o Tribunal do Comércio vencera, na cidade, a lista apresentada pelo Partido Republicano Português. A gente lê, pasma, e não compreende — ou compreende suficiente e infelizmente — a que vem o rótulo, a marca democrática, qualquer influencia politica seja de que natureza fôr, no julgamento das causas que se debatem nos tribunais e mais se assarapanta ainda, pois que a ingenuidade é infinita e asna em se espantar de tudo, que semelhante informe corra mundo nos jornais sem que o sentimento da dignidade se revolte e castigue o aten-

tado vilíssimo à consciência de nós todos, mansos carneiros que os dirigentes, ineptos e inaptos, levam à chibata.

E se quisesa ainda espreitar lá por fora, o comentário não se esquivaria a referir-se à condenação lavrada em Constantinopla contra oito turcos, sentenciados à morte, e quarenta e oito a trabalhos forçados por tôda a vida, réus do crime de infringirem a lei que manda substituir o fêz tradicional pelo chapéu, qualquer chapéu vulgar de qualquer das nossas chapelarias. Veríamos nessa ignóbil sentença, ditada pela intolerância politica e religiosa, mais uma prova da loucura colectiva de que enfermou grave e profundamente o nosso século.

Mas o comentário, em vésperas de Natal, encolhe a sua bonomia que é sempre mais ou menos azêda e, na boa usança de uma velha praxe, se algum leitor acaso tem, a êle envia as suas boas-festas, em paz com a familia, os meninos, e de bom apetite em face da grande travessa do bacalhau cosido com os olhos de couve, as batatas, os ovos, regadinho a azeite, uma só gota de vinagre, e um polvilho de pimenta.

PST'ANA JÚNIOR.

Juanguuração do Café Oriental.

A convite dos proprietários do Café Oriental, fomos no passado domingo assistir à inauguração daquele luxuoso e aprazível estabelecimento, que veio preencher uma grande lacuna que há muito se notava em Guimarães.

No acto, foram levantados alguns brindes de louvor à simpática e bairrista iniciativa, e de regosijo pelas prosperidades futuras daquele modelar estabelecimento que, todo elaborado, ainda nos mais pequenos detalhes, em raro e formoso estilo, através do qual perpassam alguns milhares de séculos de história egípcia, fica sendo o primeiro, no género, e um dos melhores, pelo seu conforto e elegância, existentes em Portugal.

Por tal motivo, são dignos dos maiores elogios os arrojados autores do patriótico empreendimento — e não lhos regateia «A Ortiga», antes pelo contrário ainda os enaltece — assim como o ilustre vimaranense Sr. Capitão Luís de Pina, ao talento artistico do qual se deve o esmero notado na confecção de tôdas aquelas maravilhas.

Aos proprietários do Café Oriental, ex.^{mos} srs. José e Francisco da Costa Magalhães, Eugénio Leite Basto e José Fernandes da Costa Abreu, desejamos, pois, as maiores prosperidades possíveis, que disso, em demasia, bem são merecedores.

Em breve abrirá também o salão de jogos, ficando virado à Porta da Vila.



Optimo presente
de Natal

Um par de Calçado
Atlas.

V. Ex.^a

quer ter uma bela consoada?
E' bom não demorar a fazer o
seu sortido na anti-
ga Casa Barbosa de

Ribeiro & Martins, L.^{da}

FEIRA DO LEITE

aonde se encontram todos os
géneros de mercearia grossa e
fina aos mínimos preços. ::::

CASA PATRICIO

DE

Joaquim Patricio Saraiva

Único depositário do afamado PÃO DE LÓ, de
Leonor Rosa da Silva, **MARGARIDE,**
ao preço da Fábrica.

Os acreditados Vinhos do Porto, de
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS.

Mel puro transmontano.

32, Praça D. Afonso Henriques, 35

GUIMARÃES

Fábrica de Guarda-sóis

CONCERTOS, a preços módicos.

MERCEARIA

— CHÁ E CAFÉ. —

Andrade, Carvalho & Castro, L.^{da}

Rua da Republica, 154

= GUIMARÃES =



Cartas a uma Mulher

IV

Maria Alcina:

Dou-lhe tréguas hoje para falar da hora que passa — hora santa e sobre todas bendita a cantar hõssanas e hinos de louvor, a subirem da terra ao céu, das almas e dos lares. E' que estamos no Natal, Maria Alcina, — a Festa mais bela que a Igreja e a Humanidade solenizam, e em que dos casais, desde os mais opulentos aos mais humildes, sai um fumozinho ténue, subindo em espirais pelo azul do infinito, perfumado do incenso das resinas do pinho. . . Há mais um pouco de lume na lares, mais um pouco de pão para a bõca dos famintos, mais uma scentelha de alegria nas almas. . . E os velhos e os novos, rapazes e raparigas, comunicam-se, e alegram-se, e abraçam-se, na Hora da ceia, jogando os pinhões, enquanto nas ruas passam estúrdias folgazãs, ranchos de povo em romagem para a Missa do Galo, bandos de cachopas cantando novenas incensadas de beleza campestre, pelos campos em fora, quando a lua está — Hóstia sagrada — mais perto da terra, em comunicação com as almas. . .

O Natal é a Festa de todos nós! A Humanidade ri e canta, brinca e folga, em louvor sempre muito íntimo e cristão, com tanta mais razão quanto é certo os povos encaminharem-se para o abraço universal, para o beijo da Paz divina — no dia de amanhã — quando os homens fõrem mais humanos, e se entenderem, e a sciência e o progresso servirem apenas o supremo desejo de cada Nação, que é também o desejo e a vontade de Jesus, a maior Glória para Jesus, — dêsse mesmo Jesus que, tendo nascido como o mais humilde Filho da mais humilíssima familia de Galiléa, sobre umas palhinhas, mostrou ao Seu Povo que a humildade deve ser timbre de cada coração, e o Perdão a mais santa e a mais pura palavra que deve aflorar aos lábios da humanidade! . . .

E' esta a minha carta de hoje, para si, Maria Alcina, nesta hora de Paz e de Amor, no seio das Familias, saudando a Festa natalícia de Jesus, entre

as rabanadas e o vinho com maçãs, os pinhões e os figos. . .

Não posso dar-lhe melhor consoada. Oxalá, Você se lembrasse sempre dela, porque a hora que passa é de humildade e de perdão. . .

JORGE DE AZURÉM.

« Os filhos são os brinquedos da árvore de Natal das mulheres. O homem, o tronco da árvore, sustenta a mulher e os filhos. »

« Todas as mulheres recordam a sua idade na noite de Natal. A sua maior tristeza, é a recordação da primeira boneca. »

« E' no dia de Natal que os homens conhecem melhor as mulheres. Podem avaliar das suas ambições, conforme os pedidos que elas lhes fazem. »

« As mulheres já não põem o sapato na chaminé, porque elle é pequeno demais para conter tudo o que elas desejam. »

Resignação

Atravessoi da Vida o mar gelado cumprindo o meu Destino, a minha sorte, senti o frio vendaval do norte gelar meu coração tam desgraçado.

Mas que me importa enfim?!... Já resignado estou do meu penar, da minha sorte; agora paz só achará na morte este humilde poeta torturado.

No mar da Vida azei só tempestades, amargas illusões, fundas saudades; sentiu meu coração espinhos tais,

que da vida estou desiludido:

— Nunca mais soltarei um só gemido, nunca mais soltarei meus tristes ais!...

1923.

Euclides Sotto-Mayor.

« Natal dos pobres! Natal amargo dos que não têm pão e se ajuntam friorentos em torno dum lume que não aquece; natal dos séres que a desgraça usou. . . O vinho enregelou, o pão é duro, mas resta ainda este lume, que jamais se apaga: — Amanhã! amanhã! . . . » — (Os Pobres, de Raúl Brandão).

Saudades minhas. . .

I

A beira de árvores frondosas a que já subi, e de verdes prados onde já brinquei, têm sua morada duas fontes humildes, a que a minha sensibilidade chamou da Tristeza e da Alegria, e das quais meus pensares erradios constantemente rezam saudosa memória. . .

Da Tristeza chamou a minha sensibilidade a uma das fontes, porque, sempre que meus olhos e meus ouvidos, loucamente ansiosos pelas divinas harmonias das coisas simples, se deliveram, fascinados, a vê-la e escutá-la, me pareceu que ela cantava, cantava, não sei que estranha melopeia, numa voz de fazer chorar. Era uma dessas fontes singelíssimas, que costumam aparecer pelos campos, em sítios arredados, cheios de sombras e de silêncio: uma dessas fontes que como certas almas tristes, envergonhadas, avaras de sua dor, gostam de ir chorar escondidas, para que, pelo orvalho de suas lágrimas, não possam os outros adivinhar as infinitas amarguras que lhes vão pelo coração. . .

Suave mistério o daquela fontezinha que, em sua dor obscura, se refugiou na solidão, longe das vistas do mundo, a vertir seus prantos, a murmurar suas queixas e penas, e suas rezas piedosas: quem sabe se pensando naqueles que andam pelos mares, em demanda do pão de cada dia; se nos infelizes que, seduzidos e atraídos pelas águas, em seu seio foram encontrar a fria sepultura; e quem sabe se gemendo sua infinda mágua de-mais não ser, o muito bem que sonhou e não chegou a realizar. . .

Talvez gerada sob alguma rocha sombria, onde por certo nunca poisou a ave nem o riso manso da flor silvestre, aquele tímido jorro de água, da terra veio, na terra desfiou seu rosário, suas contas de bem-querer, e pela terra se partiu, humilíssima serva, a amamentar as seivas benditas, a dar alento à planta singela, grato louvor dos olhos meus.

Por isso, abençoada sejas, fontezinha, em tua dor que eu não conheço, louçada sejas em teu doce recolhimento, bem-aventurada sejas em tua pobreza e mesquinhéz, — ó mãe de amor fecundo, mãe de amor inesfável, mãe de perpétuo amor! . . .

SALVADOR DANTAS.

Do meu rosário de cantigas

O meu bem eu o perdi,
eu o perdi no alto mar:
vai, vai, água, ligeirinha,
vai-lhe saudades levar.

Tu sofres, se me não vés,
também soffro, em não te vendo;
enganamos um ao outro,
e assim vamos nós vivendo.

Ai! tristes dos que se perdem;
eu também já me perdi:
há muito que ando perdido,
perdido de amor's por ti.

SALVADOR DANTAS.